



Diretor-Redator-Chefe: Sebastião A. B. de Carvalho (ABI)
Vice-Diretora: Rosa Maria Werneck Rossi de Carvalho
DIVULGANDO A LITERATURA E AS ARTES PLÁSTICAS

ANO: 04

NOVA FRIBURGO RJ, 2 de março de 2017

Nº 27

Animado sarau literário iniciou em 16/02/17, atividades da nova gestão da afl, presidida por tereza malcher

Texto: S. Carvalho / Fotos: Márcia Lobosco

O JORNAL CULTURAL DE NOVA FRIBURGO inicia o ano com reportagem ilustrada deste evento da ACADEMIA FRIBURGUENSE DE LETRAS.

EM GRANDE ESTILO, A AFL ABRIU A TEMPORADA DE EVENTOS DO ANO DE 2017, COM O SARAU, realizado em 16/02/17 em sua sede. Alegres, as pessoas participaram com emoção, confraternizando-se na produção de um espetáculo de alta relevância cultural e social. Assim, a nova Presidente iniciou sua gestão com chave de ouro!



Alguns dos que se apresentaram no palco da AFL, no Sarau.



Mais pessoas que abrilhantaram o evento cultural da AFL



O tecladista Marcos agradou em cheio.



A nova Presidente: Tereza Malcher.



Genuino e seu violão: sucesso!



Márcia Lobosco e Alberto Abib Wermeinger com amigos

O Sarau que deu início aos eventos culturais da novel administração da Academia Friburguense de Letras, Presidida pela Acadêmica Tereza Malcher, revestiu-se de brilhantismo. Cerca de vinte poetas, escritores, literatos, apresentaram pequenos trabalhos seus ou de consagrados artistas, no palco da Academia, diante de uma selecionada audiência. Foi realmente um momento cultural de grande significado, que aponta para o desenrolar de um programa feliz, organizado pela nova administração e prestigiado por todos, membros da AFL e seus amigos e admiradores. Que prossiga assim, para alegria de todos, acadêmicos ou não.

Mensagem do Diretor do Jornal Cultural



Jornalista Sebastião A.B. de Carvalho

Nova Friburgo seria como a capital da região centro-norte fluminense

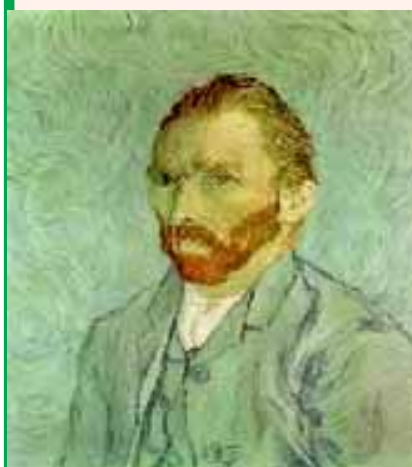
Municípios desta região encontram em Nova Friburgo os recursos de que necessitam para que suas vidas transcorram de modo mais agradável e produtivo. A começar pela assistência médica, passando pela compra de produtos vários e chegando à aquisição de cultura e lazer, cidadãos de comunidades vizinhas acorrem para esta cidade, onde há muito do que necessitam e não encontram em suas cidades.



Criado em área desmembrada de Cantagalo, no final do século, na antiga Fazenda do Morro Queimado, o município prosperou, com a contribuição de imigrantes europeus, e a crescente procura de turistas que viam aqui uma espécie de “shangri-lá” pelo clima excelente e a beleza de seus vales, rodeados de montanhas.

Cantada em prosa e verso por literatos famosos, Nova Friburgo se consagrou como um lugar excelente para moradia ou passeio, e hoje, embora tenha os problemas inerentes a toda cidade, oferece todas as vantagens de uma cidade bem organizada, de clima salubérrimo e uma estrutura econômico-social que assegura bem-estar. Aqui é possível apreciar a beleza das montanhas e gozar de sua amena temperatura.

Vincent van Gogh, Mestre na pintura e na filosofia...



Estamos assumindo o extraordinário artista plástico VINCENT VAN GOGH como patrono de nossos trabalhos no âmbito das letras e das artes, tendo em vista não só a sua notável obra material, mas também o legado de suas considerações expressas em várias oportunidades, mostrando tratar-se de um Ser de alta envergadura espiritual.

Um quadro de van Gogh

Vincent van Gogh - óleo sobre tela. [Amendoeira em botão](#)
Museu Van Gogh = Amsterdam.



Além de uma variada produção industrial, Nova Friburgo mostra, também que cuida da agricultura, produzindo hortaliças e frutas em larga escala, notadamente em seus distritos rurais, como Salina e Lumiar, como demonstra a foto abaixo.



No sarau literário da AFL, 16/02/17, o Acadêmico Sebastião A.B. de Carvalho recitou poema de Longfellow, com sua versão em Português.

A flecha e a canção The Arrow and the Song

Sebastião A.B. de Carvalho

(Cenáculo Fluminense de História e Letras e Academia Friburguense de Letras)

A flecha e a canção

The Arrow and the Song

Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882)

Versão para a Língua Portuguesa:

Sebastião A.B. de Carvalho

(Do Cenáculo Fluminense de História e Letras)

Lancei uma flecha direta para o ar,
Ela caiu na terra, em algum lugar;
Mas tão veloz partiu, que nenhuma visão
Poderia segui-la em sua direção.
Entoei uma canção, sublime, para o ar,
Ela caiu na terra, em algum lugar;
Mas quem teria aguda, poderosa visão,
Que pudesse seguir o vôo da canção?
Muito mais tarde, fincada num carvalho,
Achei, íntegra, a flecha, molhada de orvalho
E a canção, do início ao fim,
Achei-a, renovada, num coração afim...

The Arrow and the Song

Henry Wadsworth Longfellow

Poetical Works

I shot an arrow into the air,
It fell to earth, I knew not where;
For, so swiftly it flew, the sight
Could not follow it in its flight.
I breathed a song into the air,
It fell to earth, I knew not where;
For who has sight so keen and strong,
That it can follow the flight of a song?
Long, long afterward, in an oak
I found the arrow, still unbroke;
And the song, from beginning to end,
I found again in the heart of a friend..

Texto original em: *The Poetical Works of Henry Wadsworth Longfellow.*

Explorador inglês, o Coronel Fawcett, embrenhou-se pelas selvas do Roncador, no Brasil Central, em busca de uma “cidade perdida”, e nunca mais voltou, ou dele tivemos notícia!

Muitos estudiosos reconhecem o Coronel Fawcett como o maior explorador de terras do século XX.

Ele nasceu na Inglaterra em 1867, passando a fazer parte do Exército com a idade de 19 anos. Foi mandado para a Ilha do Ceilão, que na época pertencia ao Império Britânico. No norte da África, trabalhou para o serviço secreto imperial.



Estudando textos antigos, apaixonou-se pela ideia da existência de uma grande civilização antediluviana. Mas onde encontrar pistas confiáveis para sua localização? Depois de muito procurar, acabou que o destino o levou à América do Sul.

Em 1906 Percy Fawcett participou de uma expedição na zona fronteira entre Bolívia e Brasil, para cartografar a

área, sob os auspícios da Sociedade Geográfica da Inglaterra. Foi nessa ocasião que veio a conhecer o Documento 512, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que remonta a 1753, e descreve a viagem do aventureiro Francisco Raposo o qual, no século XVIII, adentrou a selva do Brasil Central. *Conta o documento que Francisco Raposo e seus companheiros após vencerem grandes dificuldades geográficas, encontraram restos de uma cidade em ruínas. Maravilhados, entraram numa grande cidade de pedra, com muros colossais. No coração da enigmática cidade havia uma praça em cujo centro se destacava um monolito negro muito alto, ao final do qual estava uma estátua de um homem que indicava o norte. A totalidade do documento*

512 foi publicada pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil em 1839. Fawcett ficou fascinado pela história e começou a pensar em explorar a área percorrida por Raposo há 163 anos atrás.

Outro dos indícios que guiaram Fawcett para o centro do Brasil foi uma estatueta de basalto negro que representava um sacerdote mostrando uma espécie de tábua com signos em baixo relevo, talvez silábicos. A estatueta, que o escritor Rider Haggard (autor de As Minas do Rei Salomão), presenteou a Fawcett, era proveniente do Brasil, e não do velho mundo. Há 22 signos na tábua.

De 1906 a 1925, Fawcett efetuou seis expedições às selvas bolivianas e brasileiras. Durante estas emocionantes expedições, Fawcett teve contato com numerosas tribos de nativos, e convenceu-se de que a cidade perdida (que ele chamou de Z, talvez para abreviar), tinha que se encontrar na Serra do Roncador, uma imensa zona montanhosa e florestal, quase totalmente inexplorada, que se estende por aproximadamente 300 km de norte a sul entre os rios Xingú e Araguaia (afluente do Tocantins). O nome Roncador deriva dos estranhos zumbidos que produz o vento nas rochas da região, sibilando entre elas.

Tendo adentrado numa expedição, com seu filho Jack (nascido em 1903) e seu amigo Raleigh Rimmel, a selva do Roncador, em busca da cidade perdida mencionada por Barbosa no documento 512, Fawcett desapareceu sem deixar rastro. Várias expedições foram organizadas para tentar encontrá-lo, mas tudo em vão.

O último rastro deixado por ele foi uma mensagem telegráfica enviada em 29 de maio de 1925 a sua mulher, na Inglaterra, avisando-lhe de sua partida.

FONTE - YURI LEVERATTO Copyright 2009 Este artigo pode ser reproduzido, indicando-se o nome do autor e a fonte. <http://www.yurileveratto.com/>

Ignorância não é uma Virtude!...

Sábias palavras de Barack Obama, que podem ser aplicadas aos que ignoram a verdade sobre Mão de Luva, preferindo continuar divulgando a suposta “lenda romântica” que narra um falso romance de Manoel Henriques com a Rainha Maria I! Há ainda outras implicações!



A ignorância sobre a vida de Manoel Henriques, o Mão de Luva, e a continuada divulgação de uma “lenda romântica” que dá conta de um relacionamento entre ele e a Rainha Maria I, são os fatores que fazem com que se

perpetue a falsidade na história da Região Serrana Fluminense, com reflexos negativos para todos os 15 municípios que compõem a região!

Essa “lenda” criada pelo jornalista Acácio Ferreira Dias em 1942, foi adotada como parte da história local, à falta de pesquisas mais acuradas.



Sebastião Carvalho

Tanto o poder público municipal como o estadual e até o federal (IBGE) aceitaram essa falsa versão, que se encontra nos sites das instituições oficiais.

Em 1991, o sociólogo Sebastião Antonio Bastos de Carvalho, carioca criado em Cantagalo, onde editou jornal com seu pai, o jornalista Antonio Ferreira de Carvalho por cerca de 25 anos, publicou um livro com pesquisas científicas baseadas em fontes primárias oficiais, com o título “O Tesouro de Cantagalo”. Nessa obra, e em outra, que editou em 2015, em Nova Friburgo, intitulada “A Odisseia de Mão de Luva” o autor desmistifica a tal “lenda”. e outras falsidades, mostrando várias facetas da vida de Manoel Henriques, inclusive que ele não era um fidalgo português, mas um garimpeiro natural de Ouro Branco MG.

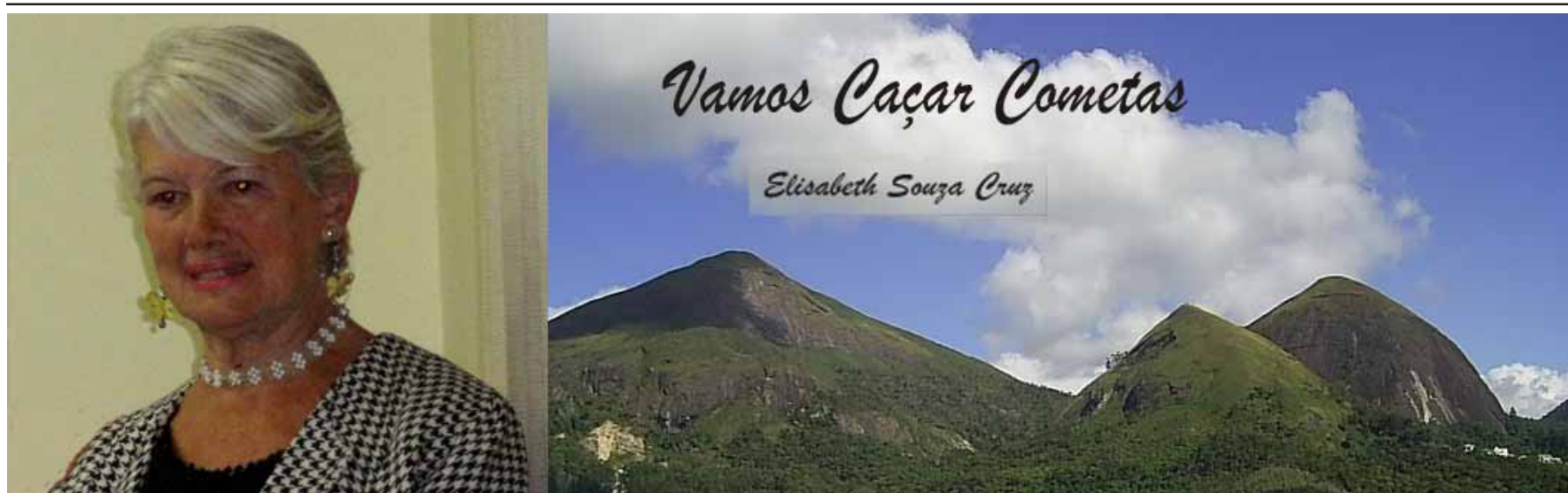
Até a origem do nome CANTAGALO é criticada pelo autor, que apresenta outra causa,



ACESSAR: www.nitcult.com.br/odisseia.pdf pois há muito o local já era conhecido como “Córrego do Canta Gallo”. O sociólogo Sebastião, baseando-se no Relatório do Sargento-Mor São Martinho, informa que aquele local era o único, numa vasta região de florestas, onde se criavam galináceos e, portanto, galos cantavam...

Conclui o sociólogo que a explicação dada por Acácio foi forjada de dados do relatório mencionado, mas deturpados para atender à sua vontade de dar uma resposta aos que ansiavam por uma explicação sobre a origem do nome Cantagalo. Ele inventou que os militares que demandavam ao local, despertados pelo canto de um galo, teriam encontrado um membro do bando do Mão do Luva e que este teria traído seus companheiros ao mostrar onde se achava o rancho do líder, em troca de algumas benesses! Todavia, nada prova essa versão, pois não há notícia confiável sobre tal.

Ignorância não é Virtude! Tanto em política quanto na Vida - disse Barack Obama. E todos devemos prestar atenção!



Quaresma e Carnaval -- incompatíveis?

Bem-vindo seja o mês de março! Oficialmente, o carnaval de 2017 acabou. Antigamente, quando a folia de Momo se encerrava, não se podia mais ouvir sequer um samba ou uma daquelas marchinhas carnavalescas. As rádios passavam a usar um repertório suave e algumas emissoras investiam nos clássicos tradicionais. O espírito religioso da Quaresma se cumpria intensamente. Os cristãos fervorosos passavam os quarenta dias seguintes entre rezas, contrições e abstinências de determinados alimentos e bebidas. A Semana Santa era vivenciada solenemente.

Mas... Que transformação aconteceu nesse primeiro parágrafo, que ocasionou os verbos no pretérito imperfeito? Como diz uma canção de Lulu Santos – “Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia...”. Não que a Quaresma tenha perdido o seu significado religioso perante parte da igreja cristã que a cultua, mas as gerações foram se desvencilhando de alguns dogmas e algumas práticas se diluíram no tempo. A metamorfose que se deu é resultado da expansão do pensamento crítico, na capacidade de os agentes participativos dos grupos sociais observarem procedimentos prescritos para determinadas épocas. Da observação é possível chegar ao aniquilamento desses valores pelo fato de concentrarem mais uma essência em suas bases.

Os mais ferrenhos conservadores tomam essas atitudes, quase sempre, como desacato e, não raro, classificam tais comportamentos nas raias da heresia. É correto que em plena Quaresma, logo na Quarta-feira de Cinzas, o carnaval continue com a festa dos vencedores dos desfiles das escolas de samba? Alguém há de dizer – não há mais respeito com as coisas sagradas! Os cristãos mais fundamentalistas costumam argumentar – “É desrespeito com as coisas de Deus!”.

No entanto, os questionamentos críticos são imediatos – Mas, sagrado para quem? Que Deus seria esse, tão humano, para se ocupar com a legislação mundana? Por que manter o silêncio quando as emoções gritam mais alto? Por que interromper uma energia propulsora capaz de gerar estímulo em comunidades inteiras?

Novamente recorremos aos versos de Lulu Santos – “A vida vem em ondas como um mar, num indo e vindo infinito...” – É nesse ir e vir que os conceitos vão em frente e, se debatendo como as ondas do mar, alcançam novos horizontes, clareiam as ideias e por isso os argumentos não serão mais os mesmos, estáticos, impermeáveis às chuvas de conhecimentos, adquiridas na revolução dos tempos.

Quaresma e Carnaval – onde o fio condutor se perdeu, se enfraqueceu ou se ampliou? Pode ser que o fio tenha se espichado de tal forma que deu espaço para o pensamento

se soltar feito uma pipa quando ganha as alturas, longe das mãos do seu condutor. A pipa nos parece uma boa metáfora, porque a todo instante, o ser humano, consciente de seu poder de avaliar questões, torna-se o juiz dos seus valores e delibera, determina e demarca seu território de pensar por si, contrapondo-se ao que lhe foi imposto de modo dogmático. É nesse contraponto que o espaço se abre para as discussões, e verdades absolutas se desmancham, dando vez para as experimentações, até que novas incertezas ponham em xeque o que nos parecia definitivo.

Na modernidade líquida de Zygmund Bauman, nos saberes das incertezas de Edgar Morin, no simbolismo religioso, tudo converge para a pluralidade comportamental no presente estágio da globalização. O universo é, por excelência, imenso e produz espaços para que os opostos caminhem lado a lado, com liberdade de expressão, abertos às discussões, contudo, sem dogmatismos ou imposições.

No mundo afeito às mudanças, às descobertas, onde nem a Ciência estabelece uma “verdade absoluta”, engessada, encontramos alicerces justamente na constante transformação. Quem permanece na estagnação do – “sempre foi assim” – começa a perder de vista o que jamais possuiu, ou seja, a chance de evoluir em seu discernimento.

Buscando o Equilíbrio Perfeito

Sebastião A.B. de Carvalho

Parece que o Carnaval foi adotado, num passado remoto, pelo calendário da Igreja, porque se acreditava que após esgotar sua avidez pelos gozos dos sentidos, estaria a pessoa preparada para receber os ensinamentos espirituais, praticando as austeridades recomendadas pelos padres. Pode ser!... Mas fato é que após um bom descanso, muitos se acham dispostos a novamente se lançarem à esbórnia, muito distantes das preocupações com as coisas do espírito!

Todavia, o esgotamento cedo ou tarde advém, instalando-se, não raro, a decepção com todas as formas de dilapidação das energias! E o homem, que não é bobo, conclui que precisa equilibrar esses opostos. “Nem tanto ao mar, nem tanto à terra!” reza um antigo ditado. E na verdade isso pode ser obtido. Se o homem aprecia os prazeres mundanos, é fato, também, que anseia por um aperfeiçoamento, na busca de sua verdadeira identidade, que, sabemos, transcende a simples materialidade.

Há ensinamentos preciosos, dados por vários Mestres, que além de ensinar, praticam ou praticaram o que ensinam, dando-nos exemplos dignificantes de constante dedicação à busca da verdadeira felicidade!



ENTRE O MEDO E O SONHO

A vida humana girando em torno dessas duas vertentes e exige de todos a capacidade de movimento entre uma coisa e outra através da administração dos dois comportamentos.

O medo acaba por levar ao cuidado com o exercício da própria profissão. O profissional é cobrado pelos seus atos e, por vezes, não tem como se eximir de culpa, apesar das justificativas. Se um médico alegou ter esquecido uma pinça dentro do abdômen do paciente porque seu salário não é compatível com seus desejos, ninguém aceita. Não adianta dizer que, se ganhasse melhor, não esqueceria a pinça lá dentro.

Temos, na vida, muitos medos: o medo de ousar e o medo de errar. Imaginemos o medo de Sócrates diante da morte após ser condenado a beber a cicuta. O medo de morrer e o medo de fugir. Tendo sido longo o tempo entre a sentença e o cumprimento da pena, Sócrates teve a oportunidade de fugir. No entanto não deliberou pela fuga por causa do medo daquilo que diriam seus adversários que o consideravam um fraco. Teve medo, porém, morreu após tomar o veneno.

Os alunos têm medo diante dos vestibulares, os educadores têm medo diante das bancas examinadoras dos mestrados e doutorados, onde, muitas vezes recebem nota máxima depois de muitas humilhações impostas pela banca. Noé deve ter tido medo do dilúvio e da arca não dar certo. Um engenheiro tem medo quando começa a construir e testa seus cálculos estruturais. Os políticos têm medo das urnas e os educadores, diante de uma turma de alunos, podem tremer de medo ao pensar que uma aula pode escancarar o que eles ainda não sabem.

Quase todos os oradores e conferencistas têm medo do público apesar da familiaridade com as platéias há anos diante de si e às vezes, do mesmo palco.

Todos esses medos existem e servem para que desenvolvamos o cuidado ao fazermos as coisas e desempenharmos nossas funções profissionais.

Se os medos podem nos ajudar, precisamos tomar cuidado para que eles não diminuam nossos sonhos que correspondem à superação deles.

Ninguém cresce na vida somente com o desenvolvimento do medo; crescem, sobretudo, os que acreditam na coragem e na ousadia, aplicando-as em todos os momentos em que se depara com o medo.

Os alunos aprendem mais se desafiados para enfrentar as dificuldades com coragem e ousadia, buscando os sonhos que traçaram. Assim, o educador que trabalha na ótica do medo pode “matar” o sonho dentro da imaginação dos educandos e o desastre em relação ao futuro será grande porque os sonhos precedem as realizações. Todos os grandes cientistas sonharam e imaginaram e, por isso mesmo,

chegaram a compreender a complexidade das leis que regem o universo.

As grandes descobertas ocorreram, antes, na imaginação do artista ou cientista.

Por isso atribui-se aos escultores a afirmação de que estão, apenas, retirando os excessos do mármore ou madeira e que a estátua já está lá dentro. É verdade, a estátua está dentro do grande pedaço rígido de pedra na imaginação do escultor.

Só a ousadia, a coragem e a certeza de seus golpes certos farão surgir a obra prima que ele imaginou. Se o escultor tiver medo não teremos possibilidade de contemplar a estátua. Por isso quem mata a coragem, fixando-se no medo, acaba por matar a arte e a criatividade dos artistas e cientistas.

Superar os medos é vencer!

Sebastião A.B. de Carvalho

“Se os medos podem nos ajudar, precisamos tomar cuidado para que eles não diminuam nossos sonhos que correspondem à superação deles.”

Todos os medos de que nos fala o nosso inspirado articulista existem, assim como muitos outros não mencionados! Estamos todos nós sujeitos a pressões, algumas terríveis, no simples ato de viver, sabendo que caminhamos, inexoravelmente, para a morte!

Sim! A tragédia humana consiste no fato de não sermos imortais, pelo menos no que concerne à existência no plano físico!

O homem pode tornar-se “imortal” pela realização de obras importantes, que fazem com que os vivos se lembrem, sempre do realizador. Mas essa lembrança pode tornar-se muito difusa, enfraquecida pelo passar do tempo.

Existem monumentos para manter viva a lembrança de feitos e acontecimentos que “imortalizaram” alguns seres humanos. Mas a verdade é que eles morreram como os demais que nada de importante fizeram!

Os homens buscam, afanosamente, a imortalidade, e não a encontram! Não encontram porque buscam a imortalidade física... Porém o máximo que se consegue é o prolongamento da vida, que aliás vem ocorrendo cada vez mais, para alegria de todos, ou de quase todos...

Dizem então que não existe imortalidade. E é verdade, se nos atermos ao plano físico. Mas o homem, dizem os espiritualistas, é (E sempre foi) imortal! Um imortal que morre e reencarna, um imortal que viaja pelo cosmos, numa órbita além do tempo e do espaço!...

Este é o Ensino dos Grandes Mestres, que no entanto não é aceito pela maioria desiludida!



Este jornal convidou o literato e professor ROBÉRIO CANTO para colaborar com este novel órgão de divulgação das letras e das artes de Nova Friburgo. O ilustre acadêmico aceitou prontamente, autorizando-nos ao uso de escritos existentes em seu blog e livros. Continuamos publicando seus escritos...

Condôminos da Eternidade

O ser humano é capaz de sobreviver a tudo, com exceção da morte.

E se alguma coisa sobrevive à morte, há de ser a nossa vaidade.

Saiu publicada nos jornais a convocação dos “senhores condôminos” para assembleia geral dos proprietários de um cemitério. A princípio, pensei que o edital se dirigisse aos próprios moradores locais, como é de costume nas reuniões de condomínio. Mas estranhei que a primeira convocação estivesse prevista para vinte horas e a segunda, para vinte e trinta, “com qualquer número de participantes”. É que, mesmo não sendo autoridade no assunto, na minha adolescência vi filmes de terror o suficiente para saber que os habitantes das cidades dos pés juntos preferem realizar seus encontros de madrugada. Certamente a razão disso é que, no escuro da noite fechada, quando a própria lua tira um cochilo, menos visível fica o estrago que a morte fez na aparência de cada um. Do mesmo modo agem os vivos, que também não gostam de ficar por aí expondo suas feiúras. O ser humano é capaz de sobreviver a tudo, com exceção da morte. E se alguma coisa sobrevive à morte, há de ser a nossa vaidade.

Não menor espanto me causou saber que o evento estava programado para acontecer no próprio habitat do presidente da Associação. Fiquei me perguntando se o povo que já fixou residência definitiva no Além ainda precisa de associação, com hierarquia e tudo, presidente inclusive. Podia ter-se dado o caso de o síndico abrir as lápides de sua residência para receber os vizinhos, mas é bem improvável, visto que as mulheres, mesmo as defuntas, não gostam que os maridos levem para casa assuntos de trabalho.

Tais foram os fatos que me levaram a refletir sobre o edital e a lê-lo com mais atenção. Acabei concluindo que a reunião destinava-se aos que por enquanto, e muito provisoriamente, moram do lado de cá. Àqueles que são proprietários de terreno ou túmulo no cemitério, embora ainda não usufruam desse privilégio. Que tudo neste mundo tem dono sabia eu, desde os três anos, quando me apoderei do pedaço de bolo que um amiguinho devorava. Foi o que bastou para que ele, convicto de que a propriedade privada é coisa sagrada, me atirasse na cabeça o primeiro objeto que sua mão alcançou, o qual vinha a ser uma imagem de São Francisco de Assis, com pombinhos no ombro e tudo mais a que têm direito as representações desse santo. Logo São Francisco de Assis, tão desapegado dos bens terrenos, se prestar a um papel desses contra mim!

Mas me surpreendeu saber que até os cemitérios podem ter donos vivos. Não sei se o investimento oferece alta rentabilidade, mas certamente possui algumas vantagens. A principal é que os moradores nunca reclamam, quer do aluguel, quer do atendimento. Bem razão tem aquela agência funerária que incentiva a população a comprar antecipadamente o próprio funeral e já no seu slogan garante a qualidade dos serviços que presta: “Até hoje, nenhum freguês voltou para reclamar!” Quincas Berro D’água, personagem de Jorge Amado, com a autoridade de quem morreu duas vezes, afiançava: “Cada qual cuide de seu enterro, impossível não há”.

Aliás, a literatura nos ensina várias maneiras de aproveitar a morte. A melhor talvez seja a de Brás Cubas, que se dá ao luxo de falar o que bem pensa de si e dos outros, porque, conforme diz em suas memórias póstumas, “a franqueza é a primeira virtude de um defunto”, ou ainda: “Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados”.

Bocage, poeta português, pedia em soneto: “Deus... ó Deus, quando a morte à luz me roube,/ Ganhe um momento o que perderam anos,/ Saiba morrer o que viver não soube!” Tentemos saber viver e, uma vez que tantas vezes falhamos nessa tarefa vital, ao menos não nos afastemos daquele que é o senhor da vida e da morte, para que seja ele a nos receber quando finalmente nos tornarmos, também nós, “senhores condôminos” no condomínio da eternidade.

Saber viver e saber morrer...

Sebastião A.B. de Carvalho

Sim, é uma séria obrigação viver com dignidade, num mundo que se mostra indigno e cruel para tantos, durante tanto tempo! Nada ou muito pouco sabemos sobre a morte, e idem sobre esta vida que somos obrigados a suportar, “até que a morte nos separe de tudo isso!” Há várias formulas para resolver esta questão, especialmente as dadas pelas religiões. Todas são válidas, embora nunca estejamos totalmente convencidos de sua validade! Fato é que estamos seriamente comprometidos com a realidade física, e muito descrentes do que está além da esfera material! Mas o certo é que a imortalidade do espírito serve como um poderoso consolo, a que nos aferramos com fundadas esperanças!



Artista brasileira resgata a arte impressionista de Van Gogh

Rosa Maria coloca sua inspiração a serviço do resgate da beleza, exaltada pelos artistas impressionistas europeus

EIS alguns quadros da artista Impressionista ROSA MARIA WERNECK ROSSI DE CARVALHO, que se dedica à pintura, inspirada por renomados Mestres.



39- Novos Girassóis



81 - Girassóis



14 - Trigo e cipreste



RMRC72 = Praia deserta



Paint 40 = Casa Amarela



Paint 49 - Preguiçoso